



Sexualidades em perspectiva: abordagens sociológicas e seus [des]concertos teóricos

Antônio Augusto Oliveira Gonçalves¹

RESUMO

Neste artigo, nos moldes de uma revisão bibliográfica, tento sintetizar algumas linhas teóricas para uma sociologia da sexualidade. Retomo assim as contribuições que vão desde a esfera sexual de Max Weber até o conceito de capital erótico em Catherine Hakim, passando pela história da sexualidade de Michel Foucault, o estudo de Anthony Giddens sobre as transformações da intimidade na época moderna e a teoria da incorporação do habitus distintos em Pierre Bourdieu. Ao colocar as sexualidades em perspectiva, apresento as reflexões sociológicas de cada autor/a sobre este temário e teço comparações entre eles/a. É justamente nesses [des]concertos teóricos, nos deslizes, nos interstícios das teorias que consigo situar a particularidade de minha trajetória de pesquisa.

Palavras-Chave: Sexualidade, Teoria sociológica, Revisão bibliográfica.

Recebido em 01/05/2019

Aceito para publicação em 27/11/2019

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v1i23.23738>

Introdução

As representações culturais da sexualidade não são algo recente, remetem a uma longa tradição desde a Antiguidade grega com as evocações míticas em Homero e Hesíodo, passando por Aristófanes, Platão e Aristóteles. Antes do Renascimento italiano, Ovídio publicou uma compilação de conselhos sobre a sedução e a conquista para os amantes em *A arte de amar*. Sua obra foi sucedida, no século XVI, por *As argumentações*, em que Aretino relata um conjunto de diálogos entre prostitutas. Em meados do século XVIII, a impudícia é retomada pelos escritores libertinos, tal como Boyer d'Argens e Marquês de Sade (BOZON, 2004).

¹ Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: antonioaugusto.sociais@hotmail.com.

No campo científico, no século XIX, antes mesmo do advento no Ocidente da *scientia sexualis* de que fala Foucault (2015), já existiam disciplinas que abandonaram o velho discurso da carne e das atitudes moralizantes para produzirem enunciados aptos em regular os desejos e domesticar os corpos, diferenciando o patológico do normal, dentre elas, a psiquiatria, a pedagogia, a medicina e a psicologia. Os discursos científicos de alcance clínico e prático se sobrepujam o âmbito da sexualidade. As contribuições das ciências sociais foram frequentemente consideradas distantes e menos autorizadas em relação aos discursos da psicanálise e da sexologia (BOZON, 2004; BOURDIEU, 2014; FOUCAULT, 2015).

Na passagem do século XX para o XXI, os/as sociólogos/as e antropólogos/as no Brasil produziram diversas teses e livros que tematizam as sexualidades de diferentes grupos sociais, tomando como temas de análise, por exemplo, a prostituição, a homossexualidade, as trajetórias sexuais de jovens, os grupos de ajuda mútua em compulsão sexual, os clubes eróticos para homens e mulheres, entre outros (FREITAS, 1985; PARKER, 1991; ARENT, 2007; PERLONGER, 2008; LACOMBE, 2010; BRAZ, 2010a; MENDES, 2011; FERREIRA, 2011; PINHEIRO, 2011; FERREIRA, 2012; CAMARGO, 2012; GASPAR-NETO, 2014).

Interessei-me pelos estudos de gênero e sexualidade quando ainda cursava a pós-graduação em sociologia e tinha como escopo de pesquisa inicial compreender as dinâmicas identitárias de estudantes estrangeiros/as no Brasil. Entre o fim do inverno e começo da primavera de 2015, realizei as minhas primeiras incursões de campo entre os/as estudantes latino-americanos/as residentes em Belo Horizonte (MG). Parti do recorte das *identidades*, mas, no decorrer dos eventos, atinei-me para um segundo aspecto até mesmo explícito e latente nas dinâmicas identitárias: as trajetórias afetivossexuais. Se, nas *observações livres* (BRAZ, 2010b), circulei por diversas redes de sociabilidade universitária na capital mineira, em meados do campo fui fisgado por um processo distinto de vivência da sexualidade entre os/as intercambistas.

Fazendo anamnese de tais peripécias, posso dizer que o campo me fez pesquisador de tal modo que fui lançado para uma segunda etnografia dentro da primeira. Isso pode aparecer como algo intencional no desenrolar das ocorrências, mas posso garantir ao/a leitor/a deste texto que, quando me deixei ser acanhado pelas intensidades específicas e não significáveis, a que Jeanne Favret-Saada (2005) apelida por afetos, a experiência etnográfica se adensou, ganhou delimitações mais ou menos explícitas. Em termos gerais, foi assim que

aos poucos me familiarizei com os debates entorno da sexualidade e em meio às diligências da pós-graduação me vi propellido a navegar desde textos clássicos até aos mais contemporâneos que já haviam lançado luzes sobre as sexualidades na sociologia.

Neste artigo, nos moldes de uma revisão bibliográfica, tento sintetizar algumas dessas linhas teóricas. Faço isto com o intento de contribuir com algum/alguma aprendiz da sociologia que venha se aventurar por esses campos inóspitos aos/às sociólogos/as e dos quais os/as nossos/as companheiros/as antropólogos/as e/ou historiadores/as já detêm bastante familiaridade com o tema. Assim, objetivo apresentar um outro lado da pesquisa sobre sexualidade na sociologia. Tradicionalmente os/as sociólogos/as que se enveredaram por esse campo interessaram-se mais pelas consequências das práticas sexuais – fecundidade juvenil, epidemia de AIDS – do que com a sexualidade mesma (DUARTE, 2004; JONES, 2010).

Nesse ensaio, reviso as reflexões de Max Weber (2015), Michel Foucault (2015), Anthony Giddens (1993), Pierre Bourdieu (2014) e Catherine Hakim (2010) acerca das sexualidades, tentando apresentar a visão teórica de cada autor/a e ao mesmo tempo tecer comparações entre eles/a. Ao final do texto, busco responder algo que esteve latente em meu percurso de pesquisa: até que ponto estas interpretações teóricas me ajudaram a compreender as trajetórias afetivossexuais dos/as estudantes intercambistas² em Belo Horizonte?

De Weber a Hakim: perspectivas de sexualidade e gênero na sociologia

A racionalização em Max Weber (1968) não significa um conhecimento acumulado geral das condições de vida, resvala antes em negar a validade de algum poder misterioso e causal que possa tomar as rédeas da vida corrente. Enfim, trata-se de despojar a magia, em desencantar o mundo daqueles valores supremos e místicos, recorrendo, em troca, à técnica e à previsão.

A racionalização não está somente vinculada à atividade capitalista, pelo contrário, ela se manifesta em outras esferas: na abóbada gótica como estilo de edificação criado na Idade Média; no emprego da perspectiva espacial, na pintura, durante o Renascentismo; na busca racional e sistemática de respostas

² Os/As intercambistas são estudantes estrangeiros/as da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que, em razão dos acordos bilaterais, permanecem de seis meses a um ano em Belo Horizonte. Em minha pesquisa, procedo com um recorte, abarco apenas os casos de estudantes intercambistas provenientes da América Latina.

para as questões das ciências nas universidades ocidentais; no funcionário público treinado dos Estados modernos; e até o desejo sexual foi convidado a entrar na gaiola de aço weberiana.

A esfera erótica é uma reverberação do passado, perfila um processo de criatividade humana, no sentido da transfiguração e rearranjo hermenêutico das pulsões sexuais, afastando-as da animalidade e do naturalismo. Sob a alçada das interdições e dos códigos, a brutalidade sexual foi sendo sublimada paulatinamente ao longo dos séculos, conformando um erotismo que se afugenta do *ciclo orgânico* para exaltar o amor sexual e intelectualizado. Para Weber, os mecanismos de racionalização agiram primeiro sobre o corpo do homem e, só em meados da Idade Média, a mulher é elevada ao *status* de objeto erótico. Na Antiguidade grega, a figura masculina do *camarada* gravitava no centro dos cerimoniais amorosos da cultura helênica.

A sexualidade da mulher helena era, quando muito, relegada ao *destino da vida*. Somente com o amor cortês, o cenário se inverte, a *dama* encastelada ouve e julga os trovadores da Idade Média. A paulatina transferência dos símbolos da vassalagem para as relações sexuais fez aparecer o serviço erótico dos vassallos à *dama*. Esta não era a mulher solteira, mas sim a esposa de outro homem, e os vassallos trovadores a ela se dirigiam em noites abstêmias. A paixão *avassaladora* deles conduzia a uma verdadeira *provação* não diante dos pares, mas contra as pretensões eróticas da *dama* (VARIKAS, 2014; WEBER, 2015).

Do período helênico pré-clássico até o Renascimento, o erotismo ligava-se intimamente às origens guerreiras, às emoções incontidas dos cavaleiros, e a luta pelas mulheres conduzia, às vezes, a guerras heróicas. Entretanto, nos palácios e salões cortesãos da França absolutista, o interesse sexual começa a primar pelas aptidões não militares face ao crescente intelectualismo da chamada *cultura de salões*:

A cultura dos salões baseia-se na convicção de que a conversação intersexual é importante como força criadora. A sensação erótica, clara ou latente, e a comprovação do cavalheiro perante os olhos da dama tornaram-se meio indispensável de estimular essa conversação. Desde as Lettres Portugaises, os problemas amorosos reais das mulheres tornaram-se um valor de mercado intelectual e específico, e a correspondência amorosa feminina tornou-se “literatura”. (WEBER, 2015, p. 3).

O último estágio da intensificação do erotismo colide com a quintessência da racionalidade, o ascetismo do homem vocacional. Se, com o devir do tempo, o desejo sexual se emancipara da crueza e existência orgânica, agora o único laivo que o une ao lado natural da esfera erótica é justamente o adultério, o amor sexual fora do matrimônio. O/A amante escapa tanto da banalidade do casamento, quanto das mãos esqueléticas das prescrições racionalizantes. A sua entrega radical a outrem, mediante a doação consciente de outrem a si, contrasta com o matrimônio regulado pelo ascetismo vocacional e todas as suas sucedâneas diligências, tais como a obrigação de procriar e a recíproca estimulação ao estado de graça. Contudo, o amor sexual obstina-se e resiste às óbices da racionalidade instrumental, dando aos desejos dissidentes, não ligados à procriação, um sopro para fora da gaiola de aço. Eis, portanto, o embrião de uma da teoria da sexualidade em Max Weber³ (VARIKAS, 2014; WEBER, 2015).

Outra história da sexualidade nos é contada por Michel Foucault, que recua até a confissão obrigatória instaurada pelo Concílio de Latrão, no séc. XIV, para acrescentar, em seguida, uns tantos capítulos à diacronia de Weber, dotados de flancos históricos e analíticos inteiramente distintos que ultrapassam as constrições eclesiásticas ante o adultério, sobretudo, se inquirimos por donde Foucault começa:

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa fraqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e as coisas eram feitas sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. [...] um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro da casa. A família conjugal a confisca. (FOUCAULT,

³ Sabe-se que as ilações da esfera erótica detêm influências da biografia de Weber. *Existem, hoje, indícios suficientes que sugerem a existência de uma incompatibilidade sexual entre o casal Weber. Durante vinte anos, Max alimentou um amor à distância por Elsevon Richthofen, uma mulher carismática e amiga íntima de Marianne – um amor que se concretizou somente durante o último ano de sua vida. A defesa entusiasta da criatividade, da espontaneidade e do potencial crítico da paixão não autorizada inscreve-se em oposição direta às posições anteriores de M. Weber e as que Marianne nunca abandonou.* (VARIKAS, 2014, p. 438).

2015, p. 7).

Qual foi o estonteante simulacro, a partir do século XVII, que deixou os corpos pavoneantes imperiosamente pudicos no século XIX? A primeira afirmação é antepor um sim ao não, ou seja, compreender tal oxímoro não apenas pela concepção de um sexo reprimido, atravessado de mutismo e silêncios, mas sim substituir o princípio de rarefação da sexualidade pela crescente incitação discursiva, de modo que a vontade de fazer calar ou proferir eufemisticamente o sexo é contornada por uma laboriosa vontade de saber e, em vista disso, as sexualidades polimorfos são trazidas à baila, disseminadas nos discursos científicos, contadas em segredo nos confessionários. Isso corresponde à negação da hipótese repreensiva em Foucault (2015).

Até os últimos decênios do século XVIII, as práticas sexuais eram controladas principalmente pela lei civil, o direito canônico e a pastoral cristã. O que estava em constante espreita naquela época era o matrimônio. Quaisquer suspeitas de desvio, a busca por desejos estranhos e os rompimentos com a aliança legítima do casamento suscitavam condenações. O diapasão do restante das sexualidades era muito mais impreciso e confuso. A lei sabia condenar o hermafrodita, mas quando se deparava com a anatomia dele, se perdia no labirinto das taxionomias jurídicas e se embaraçava em suas diferenciações. O mesmo ocorria com o homossexual a ser sentenciado pelos tribunais; expedições lavradas pelo juiz podiam condená-lo por bestialidade, estupro ou mesmo incluí-lo no vago conceito de sodomia (FOUCAULT, 2015).

Contudo, entre os séculos XVIII e XIX, apesar do casamento e, logo, o adultério figurarem em leis imanentes e internas, um artil complementar de severidade direciona-se para aquilo que, até então, era descoberto pela lei, detendo, assim, à medicina, à terapêutica e à pedagogia o poder de discriminar, conduzir e tratar a masturbação infantil, os loucos degenerados, os funcionários ambíguos, os colegas duvidosos etc. Os estigmas não cessam de proliferar e produzir as sexualidades periféricas. Há, de um lado, o advento de um mecanismo de poder novo, enquanto a paixão dos amantes desatava em uma penalidade na forma da lei; agora a medicina se encarrega do corpo da criança e de prevenir seus *hábitos solitários*. Lá persistia a condenação dos adúlteros, aqui o adestramento da criança.

De outro, o sexto mandamento começa a se espriar, ganha tônica na especificação das sexualidades periféricas e na criação de uma ordem natural, subjacente, incorporada aos indivíduos. Os tipos são definidos em função de

suas práticas, toda a história do caso, a morfologia do sujeito e a sua anatomia serão detalhadamente interpeladas. Ao fim do processo, a sua identidade clínica impregna-se no seu próprio corpo, semelhante a um princípio insidioso que o trai em um átimo e desvela uma realidade inteligível e percuciente. Foi assim que, por exemplo, o sodomita tornou-se uma espécie definida e incrustada no homossexual, batizada pelas alcunhas científicas de hermafroditismo de alma ou andrógeno interior (FOUCAULT, 2015).

Assim, a mecânica do poder fixa o que combate. Interroga-se o insólito sexual sobre suas estranhezas e tal conhecimento influi no próprio interrogatório. Funcionando como um mecanismo de apelação, o poder alimenta-se pelo seu exercício mesmo e os resultados dele. Se os relatórios do médico, o exame psiquiátrico e a investigação do pedagogo prezam em ratificar um não às sexualidades deslocadas e errantes, abrasam um deleite inebriante na prática do poder, em espiar, questionar, fazer o registro; ao mesmo tempo, o/a questionado/a fustiga-se prazerosamente ao escapar dos ínvios tentáculos do poder. Em conjunto, poder e prazer têm mais em comum do que transparecem. As epístolas circulares, esquivas e o movimento de disjunção aparente entre eles logo se configuram em espirais perpétuas, vigília e resistência, enfim, captação e sedução (FOUCAULT, 2015).

A partir do século XIX, no Ocidente, ocorre o desenvolvimento da *scientia sexualis*, que marca a intersecção entre o rito da confissão com os desideratos da discursividade científica. Desde o século XVI, a técnica da confissão exaustiva do Cristianismo, pouco a pouco, desengasta-se do sacramento da penitência e das obrigações espirituais, especialmente com alterações históricas a partir do Protestantismo, da Contrarreforma, da pedagogia e da medicina nos séculos XVIII e XIX, para tomar corpo em usos diversificados e novas assunções nos domínios científicos.

Ao longo de 150 anos, os discursos produzidos em relação ao sexo ajustam tal técnica aos métodos de escuta clínica. Os interrogatórios feitos pelo médico, as narrativas autobiográficas circunspectamente interpretadas pela psicanalista, as cartas e as consultas são formas decantadas da confissão cristã. Por esses artifícios discursivos não se recapitulam somente as minúcias do feito, mas percorrem-se os reflexos obsessivos, as modulações do desejo, as deturpadas imagens que fazem surgir e acompanham o ato sexual.

Foucault inverte a direção epistêmica dos discursos relativos ao prazer e às verdades do sexo: em vez de ratificar a repressão inexorável e a ignorância pungente, ele pressupõe, antes, os subterfúgios positivos, as práticas produtoras

de saber, instigadoras de discursos e genitivas de poder. A vontade de saber representa, assim, a inclinação de toda uma sociedade ocidental disposta a pedir e a deixar os ouvidos abaterem-se pelas suas próprias confidências, de prazeres individuais que apontam um campo de significações prestes a serem decifradas. Por isso que a história da sexualidade de Foucault é também uma história dos discursos (FOUCAULT, 2015).

Em 1992, com a publicação da obra *A transformação da intimidade*, Anthony Giddens elabora um prognóstico da sexualidade para as décadas posteriores e elege o livro *A história da sexualidade I* como contraponto aos seus argumentos. O autor contesta a marcha histórica de Foucault, cujo teor assevera um caminho pouco sinuoso desde a obsessão vitoriana pelo sexo até os tempos mais atuais. O famigerado crepúsculo da luz meridiana – metáfora de Foucault que alude ao percurso da sexualidade, desde a frouxidão dos códigos de grosseria no século XVII até tornar-se um segredo aberto para os vitorianos – é um erro historiográfico para Giddens (1993).

O sexo não era representado e avaliado de forma intrépida, afinal as fontes disponíveis na literatura e nas descrições anódinas sobre a sexualidade estavam bastante circunscritas. Os livros eram escassos e as poucas publicações compunham-se de revistas médicas e especializadas, com pouca recepção dentre as classes menos abastadas no período vitoriano, principalmente porque a maioria dos/as ingleses/as não era sequer alfabetizada. Giddens tampouco aceita a capitulação da confissão eclesiástica pelos métodos de escuta clínica. Se o/a fiel no confessional sabe e professa, conscientemente, os seus atos pecaminosos ao clérigo, o mesmo não ocorre com a psicanálise. Ali, os relatos do divã são permeados por uma série de bloqueios emocionais, lapsos inconscientes e silogismos inconclusos, dos quais o indivíduo não detém plena autonomia reflexiva (GIDDENS, 1993).

Para o autor, Foucault concede demasiada centralidade ao poder, ao corpo e ao discurso. O poder transita de maneira taciturna e a história como dimensão construtiva humana inexistente nas análises do filósofo francês. Giddens, por seu turno, infere a história emocional da ordem moderna a partir da ascensão do amor romântico em meados do século XIX. Os ideais do romantismo conferiram ao casal um significado peculiar, ambos passaram a ser copartícipes de uma atmosfera emocional comum. O lar desvencilha-se dos locais de trabalho e torna-se um ponto de apoio emocional para os cônjuges em clara oposição à natureza instrumental da fábrica ou do escritório. O tamanho das famílias se contrai. A prole numerosa, traço das culturas pré-modernas, é

substituída por lares com menos integrantes; isso se deve, em parte, aos métodos de concepção modernos e às políticas de planejamento familiar difundidas após a Primeira Guerra Mundial.

Na contemporaneidade, as tecnologias de reprodução e os métodos contraceptivos desligaram, quase que totalmente, a gravidez da atividade sexual. Giddens designa pelo nome de *sexualidade plástica* às consequências individuais da contraceção. As gestações repetidas, amiúde, seguidas de morte da parturiente, são suplantadas de tal modo que a sexualidade se desassocia de suas conexões com a morte. Fato este é reintroduzido com a pandemia de AIDS, na década de 1980, e, novamente, a atividade sexual, desta vez indiferenciada entre os sexos, amalgama-se ao espectro da morte. Ao emancipar as mulheres da relevância jactanciosa do falo, a sexualidade converte-se em um traço de personalidade, torna-se plástica, relacionada à narrativa reflexiva do *eu* e descentrada de condutas habituais de reprodução ou da relação heterossexual (GIDDENS, 1993; JAMIESON; WAJCMAN, 2014).

A própria noção relativamente recente de intimidade processa-se no horizonte teórico de Giddens por meio da transição entre as sociedades tradicionais e a emergência da modernidade. Os parâmetros externos e o caráter adventício dos sistemas de crenças tradicionais, aos poucos, cedem lugar a um controle via processos sociais organizados. A socialização da natureza e a reflexividade institucional dos ambientes modernos, resultantes do turbilhão de conhecimentos advindos da maior mobilidade geográfica e dos meios de comunicação em massa, imprimem certa reordenação psíquica aos contextos pessoais. Daí que a autoidentidade adquire um cariz aberto; trata-se de um projeto reflexivo do *eu*, uma interrogação incessante das narrativas sobre passado, presente e futuro do sujeito moderno. A seleção dietética e a aparência física, visíveis nos corpos musculosos ou emagrecidos, asseveram o quão intensa é a batalha secular travada pelos agentes para alcançar as expectativas individuais de seu estilo de vida (GIDDENS, 1993; 2002; JAMIESON; WAJCMAN, 2014).

Entretanto, Giddens distingue as diferentes implicações do amor romântico na autoidentidade em mulheres e homens. Estes foram, de antemão, retardatários no desenvolvimento da intimidade no final do século XVIII. Isso porque a retórica romântica contradiz os ímpetus de sedução e a lógica do acesso às donzelas, cuja virtude ou reputação deveria ser resguardada até a ocasião do casamento. Assim, os homens se transformaram, quando muito, em peritos nas artimanhas da conquista e sedução, estando eles à revelia do investimento

emocional inculcido pelo amor romântico nas mulheres.

A partir do século XIX, eles buscaram garantir a autoidentidade via recompensas materiais do trabalho e não se debruçaram na elaboração emocional do passado para, assim, criarem uma imagem projetiva do futuro. O descompasso entre as buscas de *status* perante os outros homens e a ausência de construção emotiva do *eu* masculino levaram-nos a uma dependência psíquica, dissimulada enquanto tal, em relação às mulheres, transformando a família e o casamento no refúgio emocional ao individualismo econômico másculo. Mas foi sobre as mulheres que o fardo das alterações do amor e do casamento pesou com mais intensidade. Se, no início da época moderna, matrimônio e romantismo se confundiam quase em uma mesma substância, à medida que o casamento se desvincula de suas origens tradicionais, elas se encarregam de trilhar outros caminhos, preparando a reestruturação íntima para as gerações posteriores.

A vanguarda atribuída às mulheres decorre das influências das tecnologias de reprodução, da contracepção, do mercado de trabalho e da educação que impactaram de maneira mais estridente a identidade feminina do que a masculina (GIDDENS, 1993; JAMIESON; WAJCMAN, 2014). Daí advém à razão de elas assumirem o anúncio do porvir da intimidade por meio de um novo tipo de vínculo emocional, o relacionamento puro:

uma situação em que se entrar em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. Para a maior parte da população sexualmente “normal”, o amor costumava ser vinculado à sexualidade pelo casamento, mas agora os dois estão cada vez mais vinculados através do relacionamento puro. [...] a ideia do amor romântico ajudou a abrir um caminho para a formação de relacionamentos puros no domínio da sexualidade, mas agora tornou-se enfraquecida por algumas das próprias influências que ela ajudou a criar. (GIDDENS, 1993, p. 68-69).

Essa relação define-se pela ausência de qualquer *raison d'être* para além do vínculo em si, e a satisfação recíproca do casal propende a minar possíveis

desigualdades entre homens e mulheres. Aliás, a fragilidade do relacionamento puro reside na mesma pulsão que o faz perdurar; enquanto há compreensão e apreciação mútua, os pares mantêm a ligação emotiva, porém, quando uma das partes está insatisfeita, a relação pura desvanece. Não obstante, a relação pura parece ser mais um prognóstico de Giddens do que uma realidade verossímil. As diferenças da conquista amorosa na passagem da ordem pré-moderna para a alta reflexividade contemporânea demonstram como a repreensão social da resposta sexual feminina se modificou. Antes, a mulher demandava confinamento e estava, por assim dizer, sequestrada pelo ciclo crônico da maternidade.

Havia, por outro lado, uma separação das aventuras sexuais do homem de sua identidade social, a sexualidade masculina era tida como não problemática. Porém, quando a sexualidade desvencilha-se da reprodução e conjuga-se à reflexividade do *eu*, a repreensão social sobre o prazer da mulher entra em tensão. Daí em diante, foi a atividade sexual masculina que se revelou patológica, permeada de vícios e compulsões⁴ (GIDDENS, 1993; JAMIESON; WAJCMAN, 2014).

Se Giddens identifica hipostasias e anacronismos nas análises de Foucault, Pierre Bourdieu, como bom sequaz de Sigmund Freud, não poupa críticas ao seu compatriota filósofo, vendo na sua re-historicização da sexualidade certo pendor nominalista, como se, para Foucault, a vigência performática das palavras fosse mais substantiva que o próprio trabalho histórico enraizado nos corpos e nas coisas. Avesso à desnaturalização foucaultiana da psicanálise, Bourdieu pontua a proeminência do inconsciente social que rege as relações entre os sexos, definindo a sexualidade como produto de uma criação histórica, fruto da progressiva gênese e da diferenciação dos campos de produção – jurídico, burocrático, religioso etc.

⁴ Vide, por exemplo, as diferenças entre Giacomo Casanova (1725-1798) e os ganhões modernos. A cada vez que o sedutor italiano transava com uma de suas mulheres, ele deveria se certificar se algum dos parentes ou guardiões da moça suspeitava de suas conquistas. As aventuras sexuais de Casanova ocorreram em uma época na qual as solteiras tinham de guardar a sua virgindade para o casamento e as esposas deveriam ser virtuosas para seus maridos; qualquer suspeita de traição de sua parte levava a consequências desastrosas para ela. Os ganhões de hoje não podem almejar o trunfo de Casanova, pois a sedução hodierna não requer as mesmas diligências de outrora. Com a relativa libertação feminina dos controles sociais, elas podem coordenar as suas escolhas sexuais e se tornam mais livres para ter relações com os homens. Assim, a avidez sexual do ganhão só tem sentido nos artifícios mesmos da conquista e a sua sedução logo se transforma em uma compulsão por mulheres. *O ganhão aparece como uma figura que 'as ama e as deixa'. Na verdade, ele é absolutamente incapaz de 'deixá-las': cada abandono é apenas o prelúdio de outro encontro.* (GIDDENS, 1993, p. 98).

Para o sociólogo francês, o processo histórico decanta e autonomiza os campos, abstrai a quintessência de suas produções, permite depurar e separar a poesia da prosa no campo poético. Cada campo comporta um tipo de capital legitimado e os partidários dele lutam entre si para angariar melhores posições mediante o reconhecimento simbólico dos demais pares. A sexualidade aparece, assim, atrelada à concorrência das diversas instâncias de produção e do conjunto de agentes pela significação legítima dos discursos e das práticas sexuais.

Em sentido lato, as disposições do inconsciente sexuado ligam-se às estruturas históricas, sendo estas últimas excessivamente diferenciadas. Em virtude de o espaço social ser altamente dessemelhante, elas se enraízam tanto nas posições objetivas, no interior de cada campo, quanto nas estruturas cognitivas dos agentes. O que permite orquestrar as estruturas históricas com as estruturas cognitivas é a incorporação do *habitus*⁵ (BOURDIEU, 2014; 2015).

As divisões sexuais e de gênero são manifestações de todo um trabalho social de incorporação de duas classes de *habitus* distintas, formas de *hexis* corporais antagônicas e de princípios de divisão do mundo social inscritos nas disposições aprendidas por homens e mulheres. A percepção incorporada do *habitus* estende-se à própria diferença dos corpos, de tal forma, que ela produz uma construção social arbitrária da realidade biológica e utiliza as diferenças anatômicas dos corpos masculinos e femininos, na qualidade de penhor, para convalidar os esquemas práticos de uma visão androcêntrica, legitimando a dominação da mulher pelo homem. Contudo, conferir à aparência de uma lei natural para algo arbitrariamente imposto se faz à custa da somatização das relações sociais. Uma dissimulação coletiva a ponto de gerar a perspectiva diacrítica, simultaneamente teórica e prática, de uma socialização relacional entre os gêneros. Somente assim, o *habitus* viril do macho pode ser contrastado com a fragilidade da fêmea, ou o inverso, o *habitus* feminino torna-se, então, a

⁵ Os produtos da história coletiva (costumes, língua etc.) denotam uma estrutura que define as condições sociais possíveis de produção do *habitus*. Então, as disposições constitutivas do *habitus* são reflexos da estrutura objetiva e também produtos da história. Mas os conteúdos históricos das disposições são negados na sua própria consubstanciação, na medida em que elas lançam raízes, fazem esquecer a história para constituir um inconsciente dela. Arraigado como uma segunda natureza no agente, o *habitus* transforma o sujeito de ontem no inconsciente de hoje. Por trazer à baila as experiências do antanho, o *habitus* se converge em matrizes, mentais e corporais, de percepção, apreciação e ação. Ao mesmo tempo em que resgata a história a esquecendo, as disposições funcionam como estruturas estruturadas, predispostas a se tornarem estruturas estruturantes. O *habitus* corresponde às condições sociais de sua produção, garantindo os ditames de regularidade aos fenômenos coletivos, mas também ele enseja a atualização das estruturas por meio das práticas (BOURDIEU, 2015).

antípoda perfeita do masculino (BOURDIEU, 2014).

A inculcação do *habitus* diferencial de gênero em meninos e meninas realiza-se por meio de quatro instâncias: a família, a escola, a Igreja e o Estado. A primeira vivência precoce das divisões sexuais repercute, antes de tudo, no seio familiar. A Igreja, por sua vez, age por meios indiretos, via inscrições simbólicas nos textos bíblicos, na liturgia do pároco e no tempo e espaços atinentes à religião. A escola, mesmo laicizada, não deixa de imprimir o seu tônus no *habitus*, seja, por exemplo, nas conotações sexuais dos cursos e das disciplinas ou instigando maneiras de ser e de ver nos neófitos. Finalmente, o Estado selou as proscricções dos laivos patriarcais privados com a dura legitimidade do patriarcado público, por meio dos estabelecimentos encarregados de administrar e regulamentar a vida cotidiana no universo doméstico (BOURDIEU, 2014).

Catherine Hakim (2010), por seu turno, retoma a teoria de Bourdieu. Não o faz simplesmente na qualidade de uma discípula devoluta das lições do mestre, pelo contrário, se volta contra os vieses patriarcais da sociologia. Para a autora, apesar de Bourdieu reconhecer o mecanismo social de controle no relacionamento entre os sexos, a dominação masculina é paradoxalmente legitimada pelo sociólogo francês. A predileção de Bourdieu pelas três modalidades de capital – o econômico, o cultural e o social – é precisamente porque o capital erótico, conceito proposto por Hakim, apresenta um caráter subversivo, descentra as análises sociológicas dos valores e interesses masculinos, fazendo o percurso inverso das sociologias que negligenciam a figura da mulher e reiteram a hegemonia masculina presente na sociedade.

Pelo prisma de Hakim, o capital erótico caracteriza-se por seis ou sete elementos, a saber: beleza, atratividade sexual, capacidades sociais na interação, vivacidade, apresentação social de si, competência sexual e a fertilidade. O sétimo aspecto é especificamente feminino, o que não explica porque as mulheres têm, no geral, mais capital erótico se comparadas aos homens, sobretudo nas sociedades modernas em que a reprodução geralmente capitula um baixo valor (HAKIM, 2010).

Dentre os elementos, me deterei em apenas três deles. O terceiro aponta para o charme, a capacidade socialmente aprendida de se relacionar com as pessoas circundantes – fazê-las terem apreço por si, procurarem saber de você, se sentirem vibrantes ante a sua presença – e, quando for caso, ser sagaz em se insinuar para seus/suas possíveis pretendentes. A arte da conquista, do flerte, requer certo talento inicial, entretanto pode ser treinada e desenvolvida. Alguns

homens e mulheres são hábeis o suficiente para flertar de maneira discreta nos mais variados contextos, outros/as se desajeitam no primeiro mote perante a paquera. O quarto elemento refere-se a uma mescla de bom humor, aptidão física e energia social. A vivacidade se expressa nas habilidades de dança e práticas de desporto e corresponde ao que faltava aos camponeses do Béarn, na clássica etnografia de Bourdieu (2006).

A competência sexual, o sexto elemento, deriva da sexualidade em si mesma e seus atributos sucedâneos, o componente lúdico, a imaginação erótica, enfim, tudo o que favorece o prazer e a realização sexual do/a parceiro/a. Uma alta libido não necessariamente estipula uma excelente competência sexual, porém o sujeito com forte libido geralmente tem mais experiências eróticas, o que contribui para aumentar a sua competência. Em suma, se o capital erótico reflete uma combinação da atratividade física, sexual, estética e social, então é de se esperar que as mulheres tenham mais dele, *vis-à-vis* aos homens, uma vez que elas devotam mais tempo na apresentação pessoal, no desempenho da sexualidade e de gênero⁶. Contudo, Hakim sinaliza que embora haja certa pujança feminina na detenção do poder erótico, as leis, a religião cristã e até mesmo os/as cientistas sociais têm sido eficazes em desconsiderar essa vantagem (HAKIM, 2010).

Entretanto, talvez algo que o capital erótico de Hakim negligencie seja a própria existência para além do indivíduo, ou seja, como a composição das diversas espécies de capitais de um/a detentor/a influi na posição objetiva deste no espaço social, nos termos de Bourdieu. A autora, ao focar na posse particular de um tipo de capital, acaba por desconsiderar como as práticas sexuais dependem de estratégias que suplantam as propedêuticas individualizantes e se arrolam a outros imponderáveis, dentre os mais anódinos possíveis para a satisfação do desejo: o olhar vigilante dos/as presentes, a disputa por um/a mesmo/a pretendido/a, o sucesso ou não das técnicas de flerte empregadas, as condições de sociabilidade dos espaços etc.

Entre a ideia e o exercício: as sexualidades como fundamento teórico

⁶ Bourdieu (2006), surpreendentemente, chegou a um lampejo símile ao de Hakim. Ele notou que entre os camponeses, aqueles que tinham irmãs, que os auxiliavam na escolha das roupas, combinações de cores e peças e nos cortes de cabelo, dificilmente estavam solteiros, uma vez que suas irmãs influenciavam a apresentação pessoal deles na ocasião do baile. A taxa de celibato tendia a aumentar entre aqueles que não tinham irmãs na família.

e enquanto descrição empírica

O antropólogo Verlan Gaspar-Neto (2014) buscou descrever por meio de um estudo etnográfico os circuitos de pegação homoerótica em Juiz de Fora (MG). No Parque Museu Mariano Procópio, os homens direcionavam-se a pontos estratégicos de modo a indicar as suas intenções escusas. Olhar mais de uma vez para um mesmo homem e estar posicionado nas trilhas de acesso às clareiras da mata davam a entender as pretensões eróticas implicitamente explícitas pela ocasião e pelo cortejador. Além disso, havia uma regionalização das interações e práticas sexuais. Quanto mais expositivo fosse o contato físico, demandando mais tempo para sua realização, mais recôndito era o local onde ele ocorria no parque:

As localizações mais visíveis, como na entrada da rua D. Pedro II e nas trilhas principais, eram tomadas como espaços destinados às primeiras interações (cruzamento de olhares, emprego de gestos e técnicas de atração/despistes, conversas e toques iniciais – a paquera). Na clareira, assim como nas imediações medianas da pequena floresta, ou até mesmo em algumas outras trilhas, ocorriam o voyeurismo (e o exibicionismo), a masturbação e o sexo oral. O beco próximo ao muro da Avenida Brasil e a área mais próxima ao muro do quartel eram procurados para o sexo anal, e, em geral, os sujeitos se despiam por completo para sua execução. (GASPAR-NETO, 2014, p. 95-96).

De acordo com o autor, os diversos locais de pegação na cidade apresentavam lógicas próprias, e eram os lugares, mais do que a astúcia do paquerador, que ditavam a eficácia das técnicas de flerte, haja vista que cada local detinha uma condição de sociabilidade que lhe era peculiar. Quanto menor aquilo que Gaspar-Neto (2014) denominou de *coeficiente de anonimato*, maior era o uso de técnicas discursivas orais e menor era o emprego de técnicas corporais na paquera homoerótica. Porém, quanto maior fosse o anonimato do espaço, as interações eram mais fugazes e, com isso, os subterfúgios no flerte incidiam mais no corpo que ao nível da alocação. Um frequentador de banheiros públicos, por exemplo, podia escovar os dentes, amarrar os cadarços repetidamente enquanto aguardava a resposta do seu pretendido na cabine, mas ele poucas vezes trocava palavras com o homem que supostamente satisfazia

suas necessidades fisiológicas atrás da portinhola.

Na Sauna Salamandra, por outro lado, Gaspar-Neto observou que os clientes, frequentemente, eram conhecidos uns dos outros. Esse aparente círculo de amizade dos vezeiros dispensava o uso das artimanhas corporais, tal como nos sanitários públicos. O bate papo inicial dos sujeitos visava esperar o momento mais oportuno para o começo das relações sexuais, encontrar, assim, a hora e a vez para o início da orgia. As técnicas de flerte não eram empregadas de forma indiscriminada, mas se distinguiam e se articulavam a determinados espaços e certas situações eróticas, o que demonstra o quanto essas técnicas foram assimiladas socialmente. Saber como, onde e quando utilizá-las é próprio de um aprendizado, resultado ulterior de uma construção social da sexualidade. Gaspar-Neto se preocupou com o exercício da sexualidade em seu desenrolar em distintos contextos relacionais e lugares. Veja como ele, em certa medida, se distancia de certas filiações epistêmicas que estão na base das teorias de Weber (2015) e Giddens (1993), por exemplo, mais do que fundamentar teoricamente o fenômeno dessas sexualidades, Gaspar-Neto (2014) se concentrou em descrevê-las em sua minúcia e prática.

Nesse sentido, ao acompanharmos o movimento teórico dos autores que aventaram as primeiras elaborações para pensar o gênero e sexualidades na sociologia, pode-se observar a tendência de englobamento deste temário num campo de tensões teóricas mais ampla que ele mesmo, ou seja, tendo em conta o pendor fundacional das teorias aqui apresentadas, o que se vislumbra é um esforço de fazer o campo da sexualidade se enquadrar num escopo próprio e já repertoriado, por assim dizer, e não o contrário. Mais do que registrar como determinados sujeitos expressam em termos ênicos e manipulam o gênero e sexualidade dentro de uma dada trama de relações sociais, ancorada num tempo/lugar específico, importa a estes autores demonstrar como essas categorias fazem repercutir as predições de cada sistema teórico, uma vez que as adesões conceituais e epistêmicas são díspares entre eles/a, é de esperar que as sexualidades se tornem reféns das antelações de cada qual.

É por isso que entrevemos uma proliferação discursiva de nomes e conceituações: a esfera sexual de Weber, os prognósticos do relacionamento puro em Giddens, o gosto de Bourdieu pela psicanálise e a incorporação inconsciente do *habitus*, o capital erótico de Hakim e as suas proposições aquisitivas. Estariam eles – ou ela – falando de um mesmo fenômeno social? Eu tenho lá as minhas dúvidas, mas sem circunscrever um debate teórico amplo numa pergunta binária e simplista, fechando assim as possibilidades existenciais

no exercício da sexualidade, deixo aqui apenas ressoar algumas de minhas inquietações.

À leitora – ou leitor – que se aventurou nessas trilhas textuais até esse ponto, digo que compreender o que diziam Weber (2015), Giddens (1993), Bourdieu (2014) e Hakim (2010) sobre as questões da sexualidade, me ajudou ao que não fazer numa pesquisa empírica. No meu campo, as leituras prévias se abriam como nuvens projetivas que lançavam focos de luzes esparsos e desconexos com o que se passava terra abaixo. As trajetórias afetivossexuais dos/as estudantes intercambistas que acompanhei estavam um tanto além – e aquém – do que tais teorias anunciavam. Não é meu intento aqui comparar os influxos sociológicos com as minhas experiências etnográficas, o que constitui matéria para um outro artigo. Porém ressalto que ao colocar as sexualidades em perspectiva, pude apreender menos com suas afirmações substantivas e mais com seus [des]concertos teóricos, ao deslizar por estes interstícios estive, involuntariamente, cada vez mais próximo dos meus interlocutores de pesquisa.

Referências

- ARENT, M. Gênero e erotismo: uma etnografia de um clube de mulheres no Rio de Janeiro. 2007. 261 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BOURDIEU, P. O **camponês e o seu corpo**. *Revista de Sociologia e Política*, n. 26, p. 83-92, 2006.
- _____. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2014.
- _____. Esboço da teoria da prática. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/352755/mod_resource/content/1/Esbo%20de%20uma%20teoria%20da%20pr%C3%A1tica.pdf>. Acesso em: 8 out. 2015.
- BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- BRAZ, C. A. **À meia-luz**: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. 2010a. 283 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. Mas agora confessa: notas sobre clube de sexo masculino. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 127-156, 2010b.
- CAMARGO, W. X. **Circulando entre práticas esportivas e sexuais**: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs. 2012. 274 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- DUARTE, L. F. D. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, A. et al. (Org.). **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 39-80.

- FERREIRA, D. R. S. **Prazer com segurança?** As relações entre michês e polícia num ponto de prostituição do centro de Fortaleza. 2011. 212 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- FERREIRA, C. B. C. **Desejos regulados:** grupos de ajuda mútua, éticas afetivo-sexuais e produção de saberes. 2012. 266 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1:** a vontade de saber. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. Tradução de Paula de Siqueira Lopes. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.
- FREITAS, R. S. **Bordel, bordéis:** negociando identidades. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GASPAR-NETO, V. V. **Na pegação:** encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora. Niterói: Ed. da UFF, 2014.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.
- _____. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- HAKIM, C. Erotic Capital. **European Sociological Review**, v. 26, n. 5, p. 499–518, 2010. Disponível em: < <http://www.catherinehakim.org/wp-content/uploads/2011/07/ESR-Erotic-Capital-Oct-2010.pdf>>. Acesso em: 20. out. 2017.
- JAMIESON, L.; WAJCMAN, J. Anthony Giddens e a intimidade: a estruturação esquecida. In: CHABAUD-RYCHTER, D. et al. **O gênero nas ciências sociais:** releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour. São Paulo: Ed. Unesp; Brasília: Ed. UnB, 2014, p. 119-133.
- JONES, D. **Sexualidades adolescentes:** amor, prazer y control en la Argentina contemporánea. Buenos Aires: Fundación Centro de Integración, Comunicación, Cultura y Sociedad - CICCUS; Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2010.
- LACOMBE, A. **Ler[se] nas entrelinhas:** sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins. 2010. 202 f. Tese (Doutorado) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MENDES, M. N. **“Os saberes fazeres da/na noite”:** cotidianos que envolvem o exercício da profissão do sexo. 2011. 79 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão.
- PARKER, R. G. **Corpos, prazeres e paixões:** a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Ed. Best Seller, 1991.
- PERLONGER, N. **O negócio do michê:** a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008.
- PINHEIRO, A. L. L. **Trajetórias afetivas e sexuais entre jovens de periferia, Belo Horizonte.** 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VARIKAS, E. Max Weber, a gaiola de aço e as senhoras. In: CHABAUD-RYCHTER, D. et al. **O gênero nas ciências sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour**. São Paulo: Ed. Unesp; Brasília: Ed. UnB, 2014, p. 423-442.

WEBER, M. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 1968.

_____. A esfera erótica. **Revista Pittacos**, 2015. Disponível em: <<http://revistapittacos.org/2015/10/17/a-esfera-erotica-max-weber/>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

Sexualities in perspective: sociological approaches and its theoretical [des]concerts

ABSTRACT

In this paper, along the lines of a bibliographical review, I try to synthesize some approaches for a sociology of sexuality. Thus I return to contributions ranging from Max Weber's sexual sphere to the concept of erotic capital in Catherine Hakim, through the Michel Foucault's history of sexuality, Anthony Giddens's study of the transformations of intimacy in modern times, and the theory of incorporation of the distinct habitus in Pierre Bourdieu. By putting the sexualities in perspective, I present the sociological reflections of each author on this topic and compare them. It is precisely in these theoretical [dis]concerts, in the slips, in the interstices of theories that I can situate the particularity of my research trajectory.

Keywords: Sexuality, Sociological theory, Bibliographic review.